MAGALHÃES, M. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

Ricardo José Sizilio[1]

O livro *Marighella – O guerrilheiro que incendiou o mundo*, escrito por Mário Magalhães, foi lançado em 2012 pela Companhia das Letras e atualmente está em sua 5ª reimpressão. Desde seu lançamento, o livro recebeu alguns prêmios, dentre os quais, o Prêmio Jabuti, Prêmio Literário Casa de las Américas, Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) e do site Botequim Cultural de biografia do ano, além do prêmio *hors concours* na 30ª edição do Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo.[2] Segundo o autor, foram dedicados nove anos no projeto do livro, sendo que foram quase seis de dedicação exclusiva. Neste período, foram entrevistadas ou consultadas 256 pessoas e o autor teve acesso a documentos de 32 arquivos. Além disso, a premiada obra deverá ser levada ao cinema por Wagner Moura em sua estreia como diretor, embora não haja previsão para o início das filmagens.[3]

O livro está dividido em três partes que contemplam quarenta e três capítulos. Levando em consideração as notas e créditos, são quinhentas e oitenta e duas páginas entre texto e fotografias. Nos agradecimentos, ao final do livro, o autor fez questão de ressaltar que não pretendia fazer na obra uma hagiografia e que era sabedor "das traições e idiossincrasias da memória". Numa biografia em que pela sua atuação política o biografado esteve quase sempre na clandestinidade e fugindo das garras policiais, mais do que nunca, o contexto se torna fundamental para a construção textual e, como Bourdieu já

---

[1] Mestrando em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

[2] A relação dos prêmios recebidos pelo livro está disponível em: http://bit.ly/1MEZc9R

[3] Informações disponíveis em: http://bit.ly/1pAzaiF.

havia sugerido, em todas as biografias há a indispensabilidade de se reconstruir o contexto e a "superfície social" em que age o indivíduo (Bourdieu, 2006).

O texto de Magalhães é marcado pela preocupação com os detalhes e diálogos e tal reconstrução se deu, evidentemente, pelo uso de uma corrente no meio jornalístico denominada *newjournalism*, onde, entre outras características, aplica-se técnicas ficcionais a textos de não-ficção, além do recurso da reprodução do pensamento do personagem (SCHMIDT, 1997). Não é recente a grande produção de obras biográficas no mundo, nem no Brasil, porém cabe ressaltar que os "grandes homens e personalidades" já não são, sobretudo, os alvos essenciais para tal empreitada. Esse campo da escrita, onde há aproximação entre história, literatura e antropologia, tem nos historiadores e principalmente nos jornalistas seus principais artífices.

É possível que a obra de Mário Magalhães tenha tido como objetivo, assim como outras biografias, "a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente" (SCHMIDT, 1997). A obra de Magalhães não foi, entretanto, a primeira biografia escrita sobre Carlos Marighella, haja vista que antes foram publicadas: *Carlos Marighella: o inimigo número um da Ditadura Militar* em 1997; *Marighella: o homem por trás do mito* e a dissertação, que anos depois foi publicada, *Carlos: a face oculta de Marighella* as duas últimas de 1999. Tais textos, pelo pioneirismo e por conterem entrevistas com pessoas que tiveram relações com Marighella, contribuíram de forma decisiva para a construção da obra de Mário Magalhães.

Nascido em Salvador, capital da Bahia, em 05 de dezembro de 1911, Carlos Marighella foi o mais velho dos oito filhos de Augusto Marighella, mecânico e imigrante italiano radicado na Bahia, e de Maria Rita dos Santos, descendentes de escravos e que, podemos afirmar sem grandes receios, carregava consigo a luta dos negros para se estabelecer numa sociedade excludente que tinha abolido há pouco mais de duas décadas a escravidão. A pobreza da cidade circundava os lares na Baixa dos Sapateiros, local em que se estabeleceu a família Marighella, no entanto, sem a precisão do termo podemos considerá-la de classe média. Carlos, o filho mais velho de Augusto e Rita, cursou o ensino secundário no Ginásio da Bahia, a única instituição pública a época deste segmento de ensino e que, embora pública, cobrava taxas, o que fazia com que seu público não fosse formado pela população mais pobre. Cabe ressaltar que

no início do século XX, não era comum que os segmentos mais pobres frequentassem a escola no Brasil. Quanto a isso, registre-se que no início da década de 1920, a Bahia tinha aproximadamente 80% de analfabetos, algo muito próximo ao verificado no restante do país, em que a pouca instrução em níveis básicos era o comum[4].

Carlos Marighella, cursou, opcionalmente, mais um ano no ensino secundário, bacharelando-se em Ciências Letras, o que habilitara a docência e assim ele fez, mesmo sem atuar em escolas formais. Em seguida, ingressou no curso de engenharia civil na Escola Politécnica da Bahia, uma das três instituições de ensino superior do estado que na época era particular. Em 1932, já como estudante de engenharia, em uma manifestação onde os estudantes ocuparam a Faculdade de Medicina da Bahia, contra a revogação da Constituição realizada por Vargas em 1930 e junto a pouco mais de quinhentas pessoas, essencialmente estudantes, conheceu o cárcere pela primeira vez. Poucos anos depois, em 1934, teve contato com o Partido Comunista do Brasil (PCB) e a partir deste contato sua vida mudou para sempre. Naquele ano, foi advertido e suspenso do curso de engenharia sob a suspeita de ter roubado provas que seriam aplicadas e por também ter se rebelado contra o inquérito que o investigara.

Mário Magalhães registra que Marighella se mudou da Bahia para o Rio de Janeiro em 1935 para realizar atividades do PCB, sendo preso no ano seguinte. Passou pouco mais de um ano de sua vida encarcerado e sua coragem diante dos torturadores foi exaltada. Após sua libertação, aos vinte e seis anos, Marighella foi enviado para São Paulo e em 1939 mais uma vez foi preso. Em seu terceiro cárcere, ficou aproximadamente seis anos detido, tendo sua liberdade concedida em 1945 com a anistia e o processo de abertura política. De volta a Bahia após quase dez anos, Marighella concorreu nas eleições para a Constituinte que seria instalada no ano seguinte, sendo o único comunista eleito no estado. Em pouco menos de dois anos discursou mais de 200 vezes no

[4] Salientamos que as afirmações acerca do Ginásio da Bahia, analfabetismo na Bahia, e as que seguirão ao longo desta resenha sobre a prisão de Marighella em 1932 e as que nos colocamos contrário aos escritos de Mário Magalhães são em decorrência da pesquisa em curso a qual realizamos.

plenário e teve intensa atividade parlamentar até a cassação do mandato dos comunistas em 1948.

Com a ilegalidade PCB e as perseguições empreendidas aos comunistas em pleno período da Guerra Fria, Marighella viajou para a China e para a URSS a fim de conhecer as experiências "comunistas" naqueles países. Com a implantação da ditadura militar em 1964, entrou em desacordo com os rumos do PCB que lhe parecia incapaz de apresentar uma alternativa de organização para derrotar a ditadura. Conheceu de perto a experiência cubana quando em 1967 participou da conferência da Organização Latino Americana de Solidariedade (OLAS), algo que foi determinante para a sua ruptura com partido que militara por mais de três décadas. Fundou a Ação Libertadora Nacional (ALN), que veio a ser uma das principais organizações de resistência e combate à ditadura. Devido a sua história de luta, à publicação de livros que incentivavam a resistência e orientavam as ações táticas ousadas e desafiadoras, Marighella foi considerado o *inimigo número um* da ditadura. É certo que o dirigente da ALN tinha plena consciência dos riscos que corria, ainda assim optou por permanecer no Brasil combatendo a ditadura de armas na mão, vindo a ser executado, numa emboscada, em 4 de novembro de 1969.

De tanto que lutou e pela forma que foi executado, Marighella tornou-se um dos mais importantes mitos da esquerda brasileira, sendo difícil descrevê-lo nestas poucas palavras, ou mesmo nas muitas de Mário Magalhães. É certo, porém, que embora o autor tenha dito que não faria uma hagiografia, de forma sutil e constante, Magalhães não poupa adjetivos e não deixa de exaltar o biografado, senão vejamos: quando retrata a infância de Marighella e sua transição para a adolescência, o autor afirma que o "conversador e risonho" quando começou a estudar no ensino secundário "logo se fez conhecido", e já naquela época "dava lições de matemática aos vizinhos". Nos primeiros anos do ensino secundário, "a poesia o seduzira" e naquela instituição já demonstrava o espírito contestador. Ao nosso ver, ao descrever o jovem Marighella de forma tão entusiasmada, o autor busca levar ao leitor a conclusão de que desde adolescente o altruísmo ou a popularidade acompanhavam o revolucionário baiano.

Ainda sobre o assunto, não é impossível se perceber sinais de hagiografia quando Magalhães destaca a popularidade que acompanhou Marighella

enquanto estudava no Ginásio da Bahia, uma escola que chegou a ter mais de oitocentos alunos na época em que o biografado estudou. Para o autor, Marighella, em menos de três anos, já "era o aluno mais popular" do Ginásio. O ápice de popularidade do futuro dirigente do PCB e da ALN se deveu quando o mesmo respondeu em versos uma prova de física. Para o autor, "nenhuma prova merecera tamanha aclamação no Ginásio da Bahia", [sendo que esta prova] "fora comentada da rua Chile ao Mercado Modelo", o que fez com que Marighella ficasse "conhecido em Salvador". "Embevecidos, os colegas (...) publicaram o exame no jornal de estudante *O cenáculo* e pregaram uma cópia no mural". Para Mário Magalhães, foram os colegas que pregaram a cópia da prova no mural e publicaram no jornal dos estudantes o que sugere relativa idolatria destes em relação ao futuro revolucionário sobre o qual se chega a afirmar, ainda, que a fama da prova saiu dos muros do colégio, sendo comentada por toda a cidade. Sobre o fato, consideramos relativo exagero de Mário Magalhães, pois compreendendo o pequeno universo estudantil, seria impossível acreditar que tal repercussão pudesse alcançar toda a cidade.

Em 1932, como já mencionamos, houve na Escola de Medicina da Bahia um movimento contrário a Getúlio Vargas, ao interventor do estado, Juracy Magalhães, e a favor da construção de uma nova constituição. Marighella, junto com mais de quinhentos estudantes, foi preso e na prisão fez um poema criticando o interventor do estado. Embora Mário Magalhães reconheça que Marighella "tenha sido militante de base na ocupação", para o autor, o estudante se destacou entre os mais de quinhentos presos, pois o "inofensivo poema de Marighella fez furor, disseminado em cópias manuscritas, e Juracy soube contra quem fazer 'sua' guerra". Ainda na busca para dar grande visibilidade a Marighella neste evento, Mário Magalhães afirmou que devido ao poema, ninguém "despertou o ódio" do interventor como Marighella, mas "é possível que Nelson Carneiro o emparelhasse" nesta ira. Durante o inquérito,[5] os estudantes foram inocentados e não há informações acerca do julgamento daqueles que foram presos como planejadores da ocupação da Faculdade, mas é possível pensar que estes não tiveram os melhores destinos em solo baiano.

[5] Inquérito Policial - 1932. Arquivo Público do Estado da Bahia, Seção Republicana: Caixa 42, Pacote 01.

Ainda que não levemos em consideração o destino destes e apenas se compararmos com a deportação para o Rio de Janeiro, sofrida por Nelson Carneiro após o processo, inferimos que a construção textual de Mário Magalhães ao dizer que ninguém despertara o ódio do interventor como Marighella, é no mínimo, equivocada.

Anos mais tarde Marighella esteve preso mais uma vez, devido a sua atuação política, vindo a conhecer pela terceira vez o cárcere na Ilha de Fernando de Noronha e posteriormente na Ilha Grande, entre os anos de 1939 e 1945. Encarcerados, os comunistas criaram uma organização denominada *Coletivo* que buscava deixar a vida na cadeia menos áspera e ter maior força de reivindicação junto à administração. Tal Coletivo organizou uma "universidade popular", onde os presos eram alfabetizados e se difundia outros conhecimentos. Para Mário Magalhães, a ideia desta *universidade* que sistematizou "aulas e palestras" teria a sido a "melhor ideia" do revolucionário baiano em Fernando de Noronha e que fora acatada pelo Coletivo. O autor atribuiu a Marighella a ideia da criação desta *universidade,* porém nas notas disponibilizadas ao final do livro, não há a informação precisa de onde o autor tirou tal informação, algo que, para um historiador ou um leitor mais atento, vem a ser um grande problema. Ademais, Noé Gertel que esteve preso junto com Marighella a partir de 1942, afirma que na prisão "criamos uma universidade" dando um caráter pluralístico ao feito (NOVA; NÓVOA, 1999, p. 426). Independentemente de quem tenha sido a ideia, tal ação, foi demasiadamente interessante, porém, na busca por dar maior protagonismo a Marighella, Mário Magalhães, ao nosso ver, particulariza algo que pelos depoimentos tinha um caráter coletivo e colaborativo.

Poderíamos continuar nessa empreitada e citar muitos outros trechos em que Mário Magalhães busca exaltar seu biografado, como por exemplo, ao ser anistiado, escreveu o autor, "uma missa celebrou, em 1945, a libertação do preso *mais ilustre da Bahia*". No entanto, não é este nosso objetivo, pois embora a obra tenha essas ressalvas que enfatizamos ela é recomendada a todos que queiram saber sobre a história deste importante personagem da história do Brasil no século XX, principalmente porque Marighella é hoje, talvez, um dos principais nomes da história da esquerda brasileira. Quanto a isso, é notório que *Marighella - o guerrilheiro que incendiou o mundo* ajuda a reescrever a história

deste homem que foi executado durante a ditadura militar, teve seu nome proibido de ser mencionado e que até hoje é objeto de polêmicas.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In.: Amado, J. e Ferreira, M. (orgs). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

JOSÉ, E. *Carlos Marighella*: O inimigo número um da Ditadura Militar. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2004.

NOVA, C.; NÓVOA, J. (orgs). *Carlos Marighella*: o homem por trás do mito. São Paulo: UNESP, 1999.

SCHMIDT, B. B. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos,* v. 10, n. 19, 1997.

SILVA JUNIOR, E. *Carlos*: a face oculta de Marighella. São Paulo: Expressão Popular, 2009.